

História da Literatura Infanto-Juvenil na Madeira: Os Primeiros Passos de uma Investigação



Revista Portuguesa
de Educação Artística

The History of Children's Literature in Madeira:
The First Steps of an Investigation

Leonor Martins Coelho

Universidade da Madeira

Centro de Estudos Comparatistas –

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

leomc@uma.pt

Thierry Proença dos Santos

Universidade da Madeira

Centro de Tradições Populares Portuguesas –

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

thierry@uma.pt

RESUMO

Com esta comunicação pretendemos dar conta do projeto que temos em curso: a elaboração de uma monografia sobre a Literatura Infanto-juvenil na Ilha da Madeira. Após algumas considerações em torno da problemática da literatura de potencial recepção infanto-juvenil, entendida por nós no seu conceito mais amplo, abrangendo a tradição oral, contos populares e a literatura escolar, o tema em foco aplicado ao meio insular será perspetivado neste estudo à luz dos seguintes enquadramentos: “do séc. XIX ao séc. XXI” e “Livros e autores de uma literatura infanto-juvenil em movimento”, apresentando assim o panorama de crescimento e afirmação desse campo literário na Madeira.

Palavras-chave: Literatura Infanto-juvenil; Literatura Oral Tradicional; Ilha da Madeira; Campo Literário; Imprensa Regional; Projetos Educativos.

ABSTRACT

The aim of this paper is to make our current project known: a monograph about children's literature on the island of Madeira. After some considerations centered on the problem of the potential reception of youth literature, in its broader concept, including oral traditions, popular tales and educational literature, the topic applied to the island is put into perspective in light of the following framework: “from the 19th century to the 21st century” and “books and authors of a children's literature in movement”, thus presenting the overview of the growth and assertion of this literary field in Madeira.

Keywords: Children's Literature; Oral Tradition Literature; Madeira Island; Literary Field; Regional Press; Educational Projects.

Introdução

O aparecimento da Literatura Infantil em Portugal tem características próprias. Surgiu no séc. XIX não somente com a finalidade de distrair as crianças, mas, provavelmente, com o objetivo de contribuir para a sua formação intelectual, cívica e moral: é o caso do tratado *Da Educação* (1829), de Garrett e das primeiras criações literárias concebidas especificamente “para as crianças” pela Geração de 70 (Guerra Junqueiro, Adolfo Coelho, Antero de Quental, etc.). Nesse período, a leitura é considerada uma componente de formação indispensável e, a julgar pelos guias e tratados de educação que foram sendo traduzidos ou produzidos, a tónica parece incidir em questões relativas à formação moral e religiosa da infância e da adolescência. O objetivo consiste ainda em formular um ideal de homem adulto, que se pretendia ver cumprido logo nos primeiros anos de formação¹.

Na Madeira, apesar do esforço crescente em implementar na ilha uma rede escolar, quer oficial, quer municipal, quer particular, por parte das autoridades², sobretudo a partir da Revolução Liberal, o ensino atrairá pouco público, porque a população opta sobretudo pelos trabalhos agrícolas e artesanais. Para convencer os mais humildes a deixarem os filhos frequentarem a escola, os mais bem sucedidos terão sido os beneméritos ou líderes espirituais, como o negociante inglês Joseph Phelps (escola Lancasteriana, 1819), o médico escocês Robert Kalley (a sua acção teve início na Ilha a partir de 1838 e foi travada em 1846) e a Irmã Mary Jane Wilson (em 1881, cria um centro de amparo a crianças pobres e órfãs e acaba expulsa com a implantação da República). Ainda assim, as juntas de paróquias também desenvolveram um esforço meritório no ensino da leitura e da escrita. As crianças aprendiam a ler em suportes que as próprias

traziam para a escola: seriam provavelmente livros religiosos, almanaques, actos notariais ou manuscritos.

Daí para a frente, os vultos mais esclarecidos preocuparam-se com a necessidade de criar condições para inverter a situação até então verificada. Em torno do cônego Alfredo César de Oliveira (1840-1908), o fundador do *Diário de Notícias* (1876), várias vezes procurarão alimentar o debate público em torno das questões do Ensino e da Pedagogia na Ilha da Madeira³.

Do séc. XIX ao séc. XX

Nesse mesmo período, personalidades ligadas ao meio insular investem na escrita de textos com vocação para formar intelectual e moralmente crianças ou jovens. À semelhança do que se pratica no continente, difundem mensagens da Bíblia⁴, recolhas da tradição oral, folhetins com apólogos que tanto podem interessar adultos como jovens, textos traduzidos de contos tradicionais europeus, manuais para o ensino (com intenções doutrinária e enciclopedista) e, finalmente, as primeiras narrativas escritas para crianças, tendencialmente instrutivas e morais.

Paralelamente à redescoberta romântica dos romances, o movimento em prol de uma literatura para crianças enriquece-se, marcando a entrada decisiva do maravilhoso na narrativa infantil. As histórias de encantar ou de assombrar, que se esgotavam, por tradição, na oralidade, vão finalmente beneficiar do suporte da letra impressa. Em 1880, Álvaro Rodrigues de Azevedo (1825-1898) publica no Funchal o *Romanceiro do Archipelago da Madeira*. Parte da obra é dedicada aos mais novos e integra “contos de fadas”, “contos alegóricos”, “contos de meninos”, “lengas-lengas” (sic), “perlengas infantis” e “jogos pueris”.

Na imprensa regional de meados do séc. XIX, divulgam-se nos folhetins, charadas, adivinhações, crónica da semana e, sobretudo, apólogos: apesar da inverosimilhança, visto os protagonistas serem animais ou objectos falantes, a exemplaridade das situações torna-os convincentes pelas suas lições de moral. Este fabulário tem como fim elevados princípios com alcance moralizante e didático⁵. A par

³ Quer parecer-nos que a maioria das vozes que fazem eco deste tema pertence ao “Grémio Literário e Recreativo do Funchal”, fundado em 1871.

⁴ Note-se que a primeira revista criada para o público infantil em Portugal, *O Amigo da Infância*, editada no Porto a partir de 1873, era especialmente dedicada à divulgação bíblica.

⁵ V. a esse respeito dois artigos de João David Pinto Correia: “Os géneros da literatura oral tradicional: contributo para a sua classificação” (em *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n.º 9, Julho 1993, pp. 63-69) e “A literatura oral tradicional e o seu público infantil”, (em *Anais – Revista de Letras*, vol. 9, n.º 1, Setembro 1999, pp. 57-72).

¹ Este parágrafo assenta na informação contida nos seguintes artigos: Maria Teresa Cortez, “Os Contos Morais na Literatura Portuguesa para a infância (1774-1877)” em *Estudos de Tradução em Portugal – Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*, Universidade Católica Editora, 2001, pp. 168-170; Jorge Almeida e Pinho, “A Literatura Infantil de Carácter Didático” em *Génesis*, Revista Científica do ISAI, 2003, n.º 3, pp. 72-73.

² Relata Álvaro Rodrigues de Azevedo que, em 1843, numa circular enviada aos Administradores do Concelho, eram referidas as “avultadíssimas somas” que o Estado e as Câmaras despendiam com a manutenção das escolas para que estas estivessem “vazias e abandonadas”, salientando ainda a existência de uma multa para os casos em que os pais não facilitassem às crianças a frequência à Escola, pelo menos até à conclusão do 1.º grau de instrução primária. Respeitando os “direitos domésticos” pedia-se que as crianças frequentassem as escolas em horas de suspensão do trabalho (*Ibidem*, vol. 2 “Aos administradores do Concelho, 4.ª repartição – L 3.ª n.º 1165 – circular”). Em Agosto de 1849 existiam dezasseis Escolas de ensino primário na ilha, frequentadas por 1176 alunos de ambos os sexos (*Ibidem*, vol. 3. Há referência a um louvor de Sua Majestade a Rainha ao Conselheiro Governador Civil do Funchal, em ofício de 22 de Agosto de 1849, pela manutenção de 16 Escolas). Citado por Paula Freitas em *O Falar de S. Vicente*, 1994, pp. 17-18.



desta produção local, a imprensa alimenta-se também de adaptações ou imitações do Inglês ou do Francês. A primeira tradução de um conto de Andersen na imprensa portuguesa, “A mais Bela Rosa do Mundo”, terá sido publicada no Funchal, em 1866, no periódico *A Flor do Oceano* (1860-1867). No último quartel do séc. XIX, a imprensa regional divulga no espaço reservado aos folhetins contos de autores como Mark Twain e Alphonse Daudet ou prosa de Alice Pestana (pseud., Caiel) e de Maria Amália Vaz de Carvalho. É, assim, difícil definir uma fronteira nítida entre as rubricas e os textos que os adultos lêem e aqueles que cativam igualmente as crianças.

Outras personalidades, com um pé na Ilha e outro no Continente, vão investir na literatura didática, dando a lume manuais recomendados para o Ensino. Em 1862, a Viscondessa das Nogueiras, D. Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt (1805-1888), publica, em Lisboa, *Diálogos entre uma Avó e sua Neta*. O livro abre com um prólogo redigido na Madeira, a 17 de Julho de 1858, e divide-se em trinta e três tardes. Cada tarde corresponde a um diálogo sobre uma dada matéria (pp. 7-94). Inclui ainda uma gramática portuguesa (pp. 95-131) e não exibe nenhuma estampa. Nesta monografia, cabe à autora o tradicional papel de transmitir os conceitos que uma menina bem-nascida deve defender sobre a pátria e, em particular, sobre a religião. Verifica-se a presença de um discurso doutrinário, fazendo dos diálogos pretexto para a valorização de princípios cristãos, bem como, noutras páginas, de heróis ou episódios nacionais. Esta obra didática mereceu ser aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Pública para uso das escolas oficiais.

Em 1874, no Funchal, sai do prelo a *Selecta de Poesias Infantis (Livros para a escola primária I)*, compilada e anotada pelo pedagogo continental Henrique Augusto da Cunha Sousa Freire (1842-1908), com a chancela do negociante residente na Ilha, Abraham Ádida. Constam desta selecta quatro poetas madeirenses: João César Coutinho Gorjão⁶, Francisco de Andrade (1806-1881), Francisco Vieira (1849-1889) e António Policarpo dos Passos e Sousa (1836-1875). Segundo Margarida Macedo da Silva, a selecta terá sido adoptada a partir de 1876 “em diversos collegios da Madeira e Continente do Reino”, conforme anúncio patente no *Diário de Notícias* de 19 de Outubro de 1876⁷. A julgar pelo número de edições (pelo menos cinco), a selecta teve grande receptividade no país.

6 Segundo M.^a Margarida Macedo Silva, que cita Luis Marino (em *Musa Insular*, 1959), este autor terá falecido no último quartel do séc. XX (V. “A Primeira Selecta de Poesias Infantis Foi Editada na Madeira”, em *Literatura Infanto-Juvenil*, Funchal, edição do autor, 2001).

7 V. M.^a Margarida Macedo Silva, “A Primeira Selecta de Poesias Infantis Foi Editada na Madeira”, em *Literatura Infanto-Juvenil*, Funchal, edição do autor, 2001, p. 11.

No prefácio da primeira edição, o autor aponta os seus dois objetivos: “despertar o gosto pela poesia” e contrapor a *Os Lusíadas* – o então “livro usado para ler verso nas aulas” – textos mais adequados à capacidade cognitiva de alunos do Ensino Primário⁸.

Outros autores ligados ao Ensino seguem-lhes o encalço: Alexandre José Sarsfield (1856-1926), que dirigiu a *Revista de Educação e Ensino: publicação mensal ilustrada*⁹ deixa o livro intitulado *Leitura para Meus Filhos*¹⁰, de cujos exemplares se desconhece o paradeiro. O poeta e publicista madeirense, António Feliciano Rodrigues (1870-1925), lança, em 1885, o poemeto *A Escola*, elogiando a acção da mesma no combate ao analfabetismo e, em 1910, dá a lume *Versos para meus Filhos*. Depreende-se que estes autores acreditavam na missão educativa da literatura e do livro.

Assim, até inícios do séc. XX, os criadores madeirenses – ou ligados à Madeira – de literatura destinada aos mais jovens tendiam a incutir preceitos e a transmitir valores, tendo como autores, essencialmente, professores e pedagogos.

A partir do último quartel do séc. XIX, a percepção de que a narrativa pode exercer um certo fascínio nos mais jovens vai transformá-la num veículo privilegiado de transmissão de determinados valores: os estereótipos da identidade sexual, as atitudes que se impõem face à maldade e à má-criação, o sentido do dever e da responsabilidade das famílias ilustres ou, ainda, a inquestionável defesa dos princípios católicos. Alguns autores começam a apostar no prazer das crianças, procurando que estas se identifiquem com os heróis da história e tomem consciência da perversidade da sua imaginação.

É o que se verifica em duas narrativas do livro *Madeira – Oferendas*, publicado em Lisboa, em 1884, da autoria de Mariana Xavier da Silva¹¹. A primeira, intitulada “Conto Infantil”¹², traduz a vida quotidiana e a alma do meio rural ilhéu, numa expressão comovente, encenando duas irmãs, uma bondosa e a outra maldosa, que tanto maltrata animais como recorre à mentira; a segunda, de título expressivo “Tão

8 Verificamos esta informação tirada da monografia *Literatura Infanto-Juvenil*, de Maria Margarida Macedo Silva. Só não foi possível consultar a primeira edição.

9 Revista editada em Leça da Palmeira, “Bibliotheca de Obras Uteis e Ilustradas”, 1886-1900.

10 *Leitura para os Meus Filhos*, Alexandre Sarsfield, Porto, Casa Editora Alcino Aranha & C.^a, s.d., 272 pp.

11 Há registo de que Mariana Xavier da Silva terá estanciado na Ilha entre 1872 e 1881.

12 O conto insere-se na parte “Narrativas Madeirenses – À menina D. Isilda Bela de Mesquita Spranger”, pp. 73-78.

Pequenina!...”¹³, exalta a coragem de uma menina de boas famílias de dez anos que resgata a irmã recém-nascida de um clamoroso incêndio. Ambas as histórias, destinadas a meninas como indicam as respectivas dedicatórias, tendem a ser “edificantes”, reforçando, por um lado, o conhecimento e os valores instituídos, por outro, a rejeição da fantasia e da magia.

Em 1922, Maria Francisca Teresa¹⁴, pseudónimo de Laura Veridiana de Castro e Almeida Soares (1870-1964), publica o portentoso volume de 353 páginas, *Em Casa da Avó, na Ilha da Madeira*.

Figura 1 – Capa de *Em casa da avó na Ilha da Madeira*, Lisboa (1923).



Trata-se de uma narrativa concebida como um texto dramático, assente na estrutura em diálogos. Desde o “retrato curioso do Funchal de 1900” aos “preconceitos reveladores de atraso ou característicos da mentalidade da época”, passando pela “profunda influência e o domínio dos ingleses na Ilha”, o livro apresenta múltiplas facetas. No que diz respeito à transmissão do conhecimento e à imagem do mundo da infância, notámos que, contrariamente ao livro da Viscondessa das Nogueiras, o discurso desta ficção investe mais no estudo do Meio e nas regras de etiqueta do que na apologia da doutrina católica e da História de Portugal.

¹³ A narrativa integra a secção “Horas de Alívio VI – À menina D. Júlia Correia Gamito de Oliveira, interessante filha do Exmo. Sr. Salvador Gamito”, pp. 213-217.

¹⁴ Escreveu e publicou ainda *Como a Chica Conheceu Jesus* (Funchal, Revista Católica A Esperança, 1925, 88 pp.), e *O Querido Tio Gustavo*, ambos ilustrados por Emanuel Ribeiro (Lisboa, Guimarães Editores, 1925, 240 pp.).

Ficamos ainda a saber que nas boas famílias de Lisboa, por volta de 1900, se lia a história de “Robinson Crusóé” às crianças e que uma das atividades lúdicas oferecida às mesmas era pintar livros, nomeadamente bandeiras de países. Quanto aos divertimentos, as meninas brincam com bonecas, os rapazes entretêm-se com o jogo da berlinda, o diabo (que consiste em fazer equilibrar o pião, sendo jogado habitualmente num canto do jardim), o jogo do Gigante e o jogo do ferrolhinho. Quando é permitido as crianças de ambos os sexos estarem juntas, divertem-se com jogos de sociedade, tais como charadas figuradas e loto com prémios.

Mariana Xavier da Silva e Laura de Castro Soares consubstanciam um primeiro mo(vi)mento em que surge deliberadamente na ficção com cenário madeirense a intenção de se alcançar o público infantil. Ambas apresentam histórias simples, com um toque de moralidade e carinho, em que por vezes se imite a linguagem infantil. Ambas procuram desenvolver nas crianças bons modos e sensibilidade à condição dos outros. A crença comum na possibilidade de se modelar a inteligência e a alma das crianças, incutindo nelas o amor do bem e o respeito pelos valores morais, fundamenta o conteúdo e o estilo das narrativas que as duas autoras destinam ao público infantil.

Com a descoberta da importância dos primeiros anos nas impressões gerais da vida e com a evolução das mentalidades, avança-se, no séc. XX, para uma fase de educação cívica e patriótica impulsionada pelos novos ideais republicanos e aberta às teorias da chamada Educação Nova. Há notícia de haver, por exemplo, uma companhia de teatro infantil do Continente a circular pela Ilha em 1912¹⁵ e, na imprensa regional, o primeiro suplemento infanto-juvenil será dado à estampa.

Em 1927, já a entrar no período da censura institucionalizada, o *Diário de Notícias*, então dirigido pelo escritor e jornalista Feliciano Soares, avança com um suplemento quinzenal chamado “Notícias Infantil”, coordenado por sua mulher, Laura de Castro Soares, autora do já citado *Em Casa da Avó*. Esse suplemento contém anedotas, adivinhas, poesias, sugestões de leituras. Para essa página foi também criada a personagem “Zé Esperto”, uma figura que faz “perguntas sobre História ou Geografia de Portugal – espécie de miniconcurso, dado que

¹⁵ Devemos ao Prof. Dr. João Adriano Ribeiro a seguinte informação que nos foi gentilmente cedida: “Acha-se atualmente na villa de Santa Cruz, onde tencionará realizar uma série de espetáculos, a companhia infantil composta das irmãs Pombos. Esta companhia é uma das mais interessantes que tem visitado o Funchal, apresenta ao público naquela villa as melhores peças do seu repertório” notícia o *Diário da Madeira*, Funchal, na sua edição de 1 de Dezembro de 1912, p.1, no texto intitulado “Teatro Infantil”.

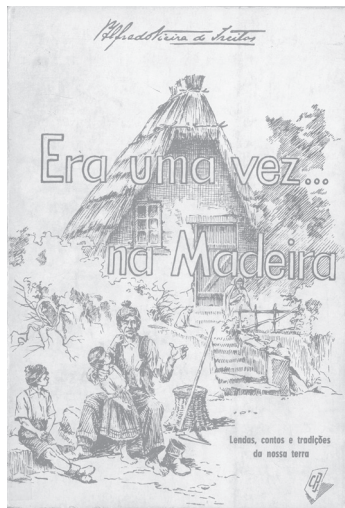


as respostas eram premiadas”¹⁶.

Nos primeiros anos da República, desenvolve-se uma sensibilidade de cariz nacionalista que vai enaltecer as virtudes e as tradições do país, visto não haver comunidade que não se orgulhe de suas histórias, tradições e lendas. Dando seguimento ao trabalho de recolha levado a cabo por Rodrigues de Azevedo, intelectuais como o Visconde do Porto da Cruz (1890-1962), Eduardo Antonino Pestana (1891-1963) e Ernesto Gonçalves (1898-1982) fixam em letras de chumbo vários (re)contos populares, não visando propriamente recrear crianças, mas valorizar um imaginário que consolidasse uma construção identitária regional. O primeiro vai catalogar as lendas do Arquipélago da Madeira; o segundo regista narrativas como “a coelha” e “a rata”¹⁷; o terceiro transpõe para a escrita “histórias de bisbis”, “Nossa Senhora e os semeadores”, “a lenda da vespa, da aranha e da abelha”, “a viola do sapateiro” e “o grão de milho”¹⁸.

Em 1964, o Pe. Alfredo Vieira de Freitas (1908-1993) publica as suas recolhas que fez em *Era uma vez... na Madeira* (*Lendas, Contos e Tradições da Nossa Terra*), a pensar nos mais novos, como sugere a capa respetiva.

Figura 2 – Capa de *Era uma vez... na Madeira*. (2.ª ed.), 1984.



¹⁶ V. M.ª Margarida Macedo Silva, “A Primeira Selecta de Poesias Infantis Foi Editada na Madeira” em *Literatura Infanto-Juvenil*, Funchal, 2001, p. 6, e “Imprensa Infanto-juvenil Portuguesa” em *A Sementeira do Livro*, Funchal, 1999, p. 80.

¹⁷ V. *Ilha da Madeira I Folclore Madeirense*, de Eduardo Antonino Pestana, Câmara Municipal do Funchal, 1965.

¹⁸ Ernesto Gonçalves, *Portugal e a Ilha – Colectânea de Estudos Históricos e Literários*, com prefácio, selecção e notas de Alberto Vieira, Funchal, SRTC/CEHA, 1992, pp. 501 e 515-519.

Anos mais tarde, em 1988, a exemplo de Adolfo Coelho que publicou *Contos Populares Portugueses* em 1879, Vieira de Freitas dá a lume *Continhos Populares Madeirenses: Folclore Insular*. Algumas destas histórias serão adaptadas para a banda desenhada, em *Contos do Pe. Alfredo*, com texto e ilustração de Rui Soares, em 1987 (Funchal, DRAC).

A ideia de desenvolver uma linguagem adaptada à criança vai ganhando terreno no país e, com o processo de propaganda nacionalista em curso na década de quarenta, aumenta o público leitor, alarga-se a paleta de meios técnicos (ilustração e impressão) de que a literatura infantil vai beneficiar. Exaltam-se os grandes feitos e os grandes homens, que aliam audácia moral e audácia física; promovem-se as narrativas que comuniquem força de vontade, energia e voluntarismo. Campanhas várias têm como objecto de intervenção a mocidade escolar. Para incentivar e enquadrar estudantes do Liceu do Funchal dados a escrita literária, criam-se revistas, tais como *Presente* (1944-45; 1969) e *O 1º de Dezembro* (1946-47). A colaborar neste último, um jovem de quinze anos chamado Carlos Lélis não passou despercebido ao Visconde do Porto da Cruz¹⁹. Em 1955, impõe-se, a nível nacional, o regime de livro único para a 4.ª classe do Ensino Primário.

Vale ainda a pena registar que o casal de origem madeirense, então a viver na capital, Cabral do Nascimento (1897-1978) e Maria Franco (1908-1975), vai também contribuir para a divulgação – nos anos 40-70 – de obras destinadas às crianças na qualidade de tradutores, mas não só. Para suprir provavelmente a escassez de criações literárias de autoria portuguesa e responder naturalmente a interesses de ordem comercial, editoras de Lisboa, como a Portugália e a Minerva, encomendam-lhe a tradução de obras estrangeiras. Cabral do Nascimento publica, em 1958, *Contos de Encantar* – uma tradução sua de contos de Hans Christian Andersen – e adapta, em 1964, *As Mil e Uma Noites*. O poeta e ensaísta ver-se-á também representado como autor na antologia *Poesia para a Infância* (1974), de Alice Gomes, com “Variações sobre o tema da Nau Catrineta”. Além de tradutora, a mulher, sobrinha dos irmãos Franco (o escultor e o pintor), adapta e ilustra igualmente publicações infantis, com desenhos de grande qualidade estética²⁰.

A 3 de Março de 1969, a jornalista de origem açoriana, Maria Mendonça materializa um suplemento quinzenal para

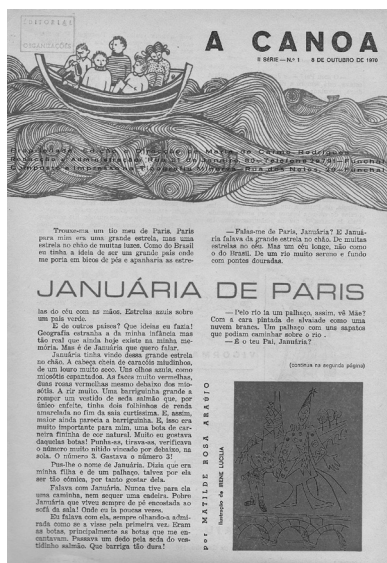
¹⁹ V. Visconde do Porto da Cruz, *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira – 3ª período: 1910-1952*, vol. III, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1953, pp. 308-309.

²⁰ V., por exemplo, *A Menina e o Elefante: Contos para Crianças* de Alexandre Kuprine; adaptado e ilustrado por Maria Franco. Lisboa, Portugália, [D.L. 1943].

crianças “A Canoa” no *Eco do Funchal* que dirige. Colaboram, entre outros, Maria do Carmo Rodrigues, Alice Gomes, Irene Lucília Andrade, Luíza Helena Clode, Madalena Gomes e Matilde Rosa Araújo. No entanto, por razões económicas, o suplemento infantil será suspenso meses depois.

Decidida a não deixar interromper a dinâmica que o projeto gerou, Maria do Carmo Rodrigues funda então o independente periódico infantil *A Canoa*. Este jornal, que teve grande divulgação a nível nacional, contém curiosidades, diálogos e entrevistas, passatempos, anedotas e uma pequena secção aberta à colaboração de leitores. Apesar da qualidade gráfica e redatorial, da boa recepção que tinha até junto dos especialistas, não sobreviveu a um problema administrativo em 1971. Irene Lucília, Luíza Clode e Margarida Lemos Gomes ilustraram a maior parte dos contos publicados ao longo dos seus 50 números. Ainda como ilustradores, Dina Pimenta e Francisco Simões intervieram pontualmente. Juntaram-se aos colaboradores da primeira fase, António Marques da Silva (com pseudónimo de Avô Máqui), Carlos Cristóvão, Dalila Pereira, Maria Rosa Colaço, Ricardo Alberty, entre outros. Dos leitores-colaboradores, vale a pena indicar alguns nomes: Ana Teresa Pereira (aos 12 anos), Fátima Dionísio (aos 20 anos), José António de Freitas Gonçalves (aos 17 anos) e José Sainz-Trueva (aos 22 anos).

Figura 3 – Capa de *A Canoa*.



Livros e autores de uma literatura infanto-juvenil em movimento

Com a mudança do regime político em 1974, inicia-se na Madeira um período de efervescência cultural e de novas possibilidades na relação dos atores sociais, abrindo-se as portas a projetos educativos de ordem vária. Estes vão preconizar modelos formativos ditados pelos novos ideais políticos e pedagógicos que o incremento da Autonomia vai inspirar.

Por iniciativa de M.^a Margarida Macedo Silva, abre, no Funchal, em 1979, o primeiro espaço da futura rede de bibliotecas infanto-juvenis *O Jardim* e, em 1982, inaugura o Centro de Educação Permanente *A Árvore*. Estes dispositivos, onde se ensaiaram técnicas de animação de bibliotecas, manter-se-ão em funcionamento até 1995.

Em 1979, sob os auspícios do Ano Internacional da Criança, a empreendedora Maria Mendonça, ciente do valor dos autores e ilustradores que colaboraram no extinto periódico *A Canoa*, lança a bem conseguida colecção “Canoa”, através da sua editora Ilhatur²¹, respondendo assim à vontade de constituir organicamente uma projecção literária e artística no meio madeirense. Saem a lume *Histórias que o Vento Conta* (n.º 1, 1979) de Irene Lucília; *Mimi e os Sapatinhos* (n.º 2, 1979) de Luíza Helena (pseudónimo de Luíza Helena Clode); *Camélias Brancas* (n.º 3, 1980) e *Sebastião, o Índio* (n.º 5, 1982), de Maria do Carmo Rodrigues e, finalmente, *Os Anjos Descem* (n.º 4, 1981)²², de António Marques da Silva (1900-1978). Estes livros remetem para o mundo das vivências infantis, com narrativas, canções e lengalengas, assente tanto numa imaginação sem limites (recuperando o estranho e o maravilhoso) como numa linha de descoberta em liberdade.

Após a consolidação dos novos esquemas organizativos e resolvidos, em boa parte, os problemas mais prementes da população, as entidades oficiais, tais como a Câmara Municipal do Funchal, as Secretarias Regionais com o pelouro da Educação e da Cultura, através da Direção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), do núcleo que virá a denominar-se Gabinete Coordenador de Educação Artística (GCEA) e das escolas, vão promover iniciativas como festivais, concursos,

²¹ Ana Isabel Sousa, *Maria Mendonça, Uma Mulher sem Medo*, Açores, Câmara Municipal do Nordeste, 2001.

²² Este livro de poesia para a infância foi preparado e publicado a título póstumo, numa iniciativa dos seus filhos António e Jorge Marques da Silva (autores das suas ilustrações).



teatro de fantoches, feiras do livro, baú de leitura, colectâneas de textos e desenhos realizados por alunos das escolas da Região²³, como estratégia de estímulo ou incentivo à leitura e à escrita. Refira-se, ainda, que, nestes últimos anos, se tem desenvolvido na Região Autónoma da Madeira uma moderna rede de bibliotecas com convidativos espaços infanto-juvenis.

O primeiro Festival da Canção Infantil, organizado pelo GCEA, realizar-se-á em 1981, e passou a ser, ano após ano, um momento alto da agenda cultural da Região. A equipa do Gabinete tem desenvolvido outras manifestações artísticas com sucesso como adaptações para exibições teatrais, o MUSICAebs e a cerimónia de abertura da Semana do Desporto Escolar. Os livros de canções infantis que Carlos Gonçalves coordenou tornam-se referências a nível nacional²⁴.

Figura 4 – Capa de *Música para crianças*.



Em 1986, sai do prelo a banda desenhada – médium considerado mais apto para sensibilizar os jovens – *10 Anos de Autonomia*, com texto de Margarida Gonçalves Marques (1929) e desenhos de Rui Relvas.

23 V. por exemplo, *Lendas e Histórias da Madeira*, Escola dos Ilhéus, 1997; *Um Tanque de Histórias*, Escola Básica 1 Tanque / Santo António, 2006; *25 Anos e Muitas Histórias!*, Escola Básica e Secundária da Calheta, 2007; *A Formiga e o Arco-Iris*, Escola Básica 1 da Vila de São Vicente, 2008; *A Magia da Poesia – Poetas em Miniatura* (com prefácio de Francisco Fernandes), Escola Básica 1 de Santa Cruz, 2008, 7dias 6noites, Vila Nova de Gaia, 2008; *Histórias a Várias Mãos*, Projeto Baú de Leitura / Escolas várias da R.A.M., O Liberal, Funchal, 2009; e *Galeão em Viagem* (contos), Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de São Roque - Galeão, 2010.

24 V. por exemplo, Carlos Gonçalves, *Música para as Crianças: Canções Infantis: Ensino Pré-Primário e Primário*, Lisboa, Lisboa Editora, 1987; *Música para Crianças – Canções Temáticas para a Educação Pré-Escolar e Ensino Básico* com dois CD, Funchal, ECM / SRE, 2003.

Figura 5 – Capa de *Autonomia 10 anos*.



A necessidade de explicar a história e a nova realidade política da Madeira aos mais novos motiva, em 1992, a publicação do livro *Histórias com História*, de António Manuel de Castro e Maria Elisa de França Brazão, com ilustrações de Ricardo Veloso (DRAC/Município da Calheta), dando lugar posteriormente a *Novas Histórias com História* (2005), numa edição da Secretaria Regional da Educação. De salientar ainda a atividade do Teatro Experimental do Funchal que, com a montagem de perto de meia centena de espetáculos para infância e juventude na Madeira, tem dado uma especial atenção ao referido público, sustentada no protocolo estabelecido com a Secretaria Regional da Educação.

Tendo em conta a notoriedade conquistada no meio editorial de dimensão nacional ou o reconhecimento decorrente do facto de serem regularmente convidados a animar sessões de sensibilização à leitura em escolas e bibliotecas da Região, podemos ensaiar uma catalogação dos autores mais relevantes por cinco secções: “o grupo ligado à iniciativa editorial “A Canoa””; “autores divulgados por entidades oficiais da Região Autónoma da Madeira (RAMI)”; “autores ligados a editoras locais, como O Liberal”; “autores ligados à editora 7dias 6noites”; e, finalmente, a secção “outros livros e autores”.

Do grupo ligado ao projeto editorial “A Canoa”, iremos destacar dois nomes: Maria do Carmo Rodrigues e Irene Lucília Andrade.

Maria do Carmo Rodrigues (1924) escreve novelas para crianças, jovens e adolescentes desde 1964 e tem sido uma grande impulsionadora da divulgação da literatura

infanto-juvenil no país e na Madeira. É hoje detentora de uma vasta bibliografia com assinalável presença nas escolas e elogiada pela crítica da especialidade. Com a publicação da sua obra, a desarmante infância madeirense, por vezes em contextos sociais desfavorecidos, dá-se a ver e a entender de uma maneira mais sensível e penetrante, com rasgos de fino humor, em narrativas protagonizadas por crianças, a exemplo de *João Gomes do Gato* (2002) e *Aventuras de Chico Aventura* (2005). A sua obra revela uma preocupação inata de educadora que faz da literatura o seu meio natural de intervenção, como ilustra o livro *Chamo-me Leovigilda: Páginas de um Jornal* (1974).

Os textos que Irene Lucília (1938) publicou, quer em livro (*Histórias que o Vento Conta*, 1979), quer no suplemento infanto-juvenil do *Diário de Notícias* ("Presentes... e recadinhos", 1988-1992), vão ao encontro dos interesses elementares da criança, pois centram-se numa unidade temática de alcance universal com uma linha narrativa bem definida, tendo quase sempre como pano de fundo a Ilha da Madeira.

Relativamente aos autores divulgados por entidades oficiais da RAM (CMF / DRAC / GCEA), citaremos quatro nomes de autores cujos livros têm merecido a aprovação de professores e de alunos: Bernardete Falcão, Maria da Conceição de Oliveira Caldeira, António Castro e Lígia Brazão.

Em 1983, Bernardete Falcão (1924), poeta e ensaísta, publica o livro *Andorinha e as Árvores Falantes*, numa edição da Câmara Municipal do Funchal²⁵. A autora recupera todo um imaginário alegórico próprio do mundo da infância, dando vida e o uso da palavra a árvores, galinhas, pássaros de várias espécies e a figuras como o palhaço, a formiga, o menino, a borboleta, a laranja e o girassol, numa escrita elegante, sem estilismos infantis, que assimila a tradição de clássicos do teatro português. As histórias apresentadas em diálogos visam encantar as crianças, levando-lhes mesmo assim uma mensagem de justiça, coragem, amor e fantasia, de modo a consciencializá-las para as dificuldades que terão de enfrentar ao longo da vida.

Em 1988, António Manuel de Castro (1959) publica *Ser Criança*, o seu primeiro livro de poesia infanto-juvenil, com a chancela da Secretaria do Turismo e da Cultura/DRAC. Desde então escreve letras para canções infantis e desenvolve projetos editoriais, em que nunca deixa de exaltar a infância, o imaginário afecto à História da Madeira e as vivências dos

insulares, como, por exemplo, em *Funchal: Uma Promessa de Vida* (2009). Também com o apoio da DRAC, Maria da Conceição de Oliveira Caldeira (1925) vê materializar-se o seu estimulante livro de contos e poesia para os mais jovens, *Histórias, Conversas e Lengalengas* (1996).

Visando a sensibilização da comunidade para a expressão dramática na escola, Lígia Brazão (1945) passa a conceber, a partir de finais dos anos oitenta, textos teatrais e letras para canções (que recuperam lengalengas e trava-línguas). Os seus projetos artísticos, inspirados na literatura oral e tradicional, a exemplo de "Os Gatos Janotas", "Macaco do Rabo Cortado" e "João Pateta", sendo muito deles realizados em primeira mão no âmbito do Festival da Canção, estenderam-se rapidamente aos repertórios do teatro escolar e de fantoches. Este material com alcance didático tem tido boa recepção no meio do ensino artístico a nível nacional.

Outros autores vão desenvolver o seu projeto literário em sintonia com editoras locais, nomeadamente a editorial Correio da Madeira, Arguim e, a mais consolidada, O Liberal. Atendendo à regularidade com que têm vindo a publicar, dois autores merecem ser referidos: Isabel Fagundes (1966) e António Barros Cruz (1962). A primeira, com claras preocupações com o meio ambiente, investe em narrativas que se situam ao nível de um maravilhoso em consonância com motivos que a atual indústria de entretenimento difunde, como indiciam os títulos *A Bruxinha Matilde e o Dragão Cor-de-Rosa* (2004), *A Bruxinha Matilde e o Elefante Verde* (2007), bem como *O Sapo Beltrão e o Lago Mágico* (2008). O segundo desenvolve um projeto de escrita e de confecção de livros que visa interagir com crianças e/ou alunos das escolas da Região, como se pode ver em *Histórias da Minha Filha* (2005), *Sopa de Letras* (2006) e *O Vendedor de Sonhos* (2008).

Com títulos recomendados pelo Plano Nacional de Leitura, três autores ganharam projecção no mundo da literatura infanto-juvenil. Octaviano Correia, Maria Aurora C. Homem e Francisco Fernandes conciliam temáticas de interesse universal com a possibilidade da construção de uma imagem identitária do espaço insular. Parte dos livros que lançaram ultimamente tem vindo a público por intermédio da editora 7dias 6noites.

Com raízes em Angola, onde iniciou a sua carreira de escritor de livros para a infância, Octaviano Correia (1940) vem residir para a Madeira em 1988 e, como jornalista, vai colaborar em diversos jornais, dando também o seu contributo para a área da Literatura Infantil afecto ao fundo bibliográfico madeirense. Partilha culturas e tradições através de

²⁵ Este conjunto de quatro peças infantis foi encenado pelo TEF (Teatro Experimental do Funchal), em 1984, "com adereços desenhados pela artista plástica Manuela Arenha, diretora regional da cultura" aquando da abertura do Teatro Municipal de Baltazar Dias, após ter estado encerrado para obras. V. Lília Bernardes, "Breve Viagem pelo Teatro na Madeira" em *A Madeira na História: Escritos sobre a Pré-Autonomia*, Editora Âncora, 2008, p. 54.



histórias que cruzam o seu imaginário africano com o insular, como se pode verificar em *O Monstro das Sete Cabeças e as Meninas Roubadas* (e outras histórias angolanas) (1990) ou, mais particularmente, em *Histórias com Gente Dentro* (1995). Ciente de que o impulso de contar histórias deve ter nascido no momento em que o homem sentiu necessidade de comunicar aos outros parte da sua experiência, o autor visa através dos seus livros dar sentido a esses pequenos nada que determinam a vida da criança: trabalhar e brincar; rir e chorar; ser e fingir; crescer e comunicar. Assim, além de uma intenção educativa e lúdica, a escrita de Octaviano Correia tende a sensibilizar as crianças, desde cedo, a cultivar o respeito pela diferença, a confiança e a determinação, o sonho e a palavra, à semelhança do livro *O Menino dos Olhos Azuis de Água* (2007) e a série do abecedário *Alguma bicharada até ao Z* (ABCD..., 2008) (EFGH..., 2009) e (IJKL..., 2010).

Ao sublinhar a importância da “imaginação” na infância, através das imagens e das situações reproduzidas, Maria Aurora (1937-2010) expressa igualmente a conceção pedagógica em que se inscreve, assente num jogo de espelhos entre o mundo imaginário e o mundo real, defendendo direitos fundamentais da criança: esta aprende, divertindo-se e diverte-se, aprendendo.

Figura 6 – Maria Aurora. 05-08-2006, no programa “Atlântida”, foto de Toni Ferreira.



Com efeito, a autora não descarta a função formativa que empresta aos seus livros. A invenção literária nunca se desenvolve em detrimento do conhecimento atualizado sobre os factos evocados e o meio descrito, como atestam, por exemplo, os projetos editoriais *A Cidade do Funcho – A Primeira Viagem de João Gonçalves da Câmara* (2008), *O Anjo Tobias e a Rochinha de Natal* (2009) e *A Fada Íris e a Floresta*

Mágica (2010). A informação quer-se tão sugestiva quanto segura, abrindo espaço para a curiosidade e o alargamento de saberes. Maria Aurora concebe uma obra cativante, sempre em colaboração com ilustradores de traço original, em que o desenho se funde no texto, oscilando entre a representação realista e o imaginário infantil, com vista ao efeito de encantamento que compete ao livro desencadear.

Francisco Fernandes (1952) tem vindo, desde 2003, a publicar com regularidade livros para a infância e a juventude. A sua obra assenta em cinco vectores essenciais: os valores de cidadania e as problemáticas ambientais numa conformação de uma utopia possível, alicerçada na preservação dos equilíbrios essenciais à biodiversidade; a importância da educação e a missão do indivíduo à escala global; o apologismo de práticas desportivas, corroborando a máxima *mens sana in corpore sanum*; o reconhecimento intercultural; a revelação da Ilha e do seu património natural e histórico. A sua escrita tende a ilustrar os novíssimos temas da literatura infanto-juvenil, apostada em informar e integrar, apelando ao quotidiano que nela deverá estar representado. Vejam-se, a título de exemplo, *Alguém avisou o Pai Natal?* (2007), *O João Gosta do Mar* (2009) e *Irina* (2009).

Finalmente, na secção que reservámos a “outros livros e autores”, abre-se um espaço a dois escritores reconhecidos no sistema literário português: José Vale Moutinho e Ana Teresa Pereira.

Com obra vasta e amplamente recomendada, vocacionada para a difusão do imaginário e dos saberes da tradição ibérica, José Vale Moutinho (1945), jornalista e escritor, entra, sem reservas, no mundo das crianças, com a mesma malícia, a mesma (falsa) ingenuidade, a mesma volubilidade no modo de brincar com as palavras e com as situações. Mas nunca subestima a inteligência do público visado, deixando subtilmente perceptíveis os mecanismos que accionam as molas da ficção e dos cenários ou que enquadram a intenção das mensagens mais questionadoras do que assertivas. O autor sabe, igualmente, da importância da ilustração apelativa para a faixa etária a que se dirige, como comprova a sua parceria com ilustradores competentes, que combinam artisticamente a visualização dos cenários e personagens com a expressão humorística do traço. No que diz respeito a enredos com cenário na Madeira, é de referir a peça de teatro para bonifrates intitulada *Histórias da Deserta Grande* (2006)²⁶.

Ana Teresa Pereira (1958) fez uma breve incursão pela

²⁶ *Histórias da Deserta Grande* (uma peça de Teatro para bonifrates), Porto, Afrontamento, 2006. A peça foi encenada em 2008 pelo TEF.

literatura juvenil com a colecção “Labirinto” da Editorial Caminho vinda a público nos anos 1991-1992. São, ao todo, cinco livros: *A Casa dos Penhascos*; *A Casa da Areia*; *A Casa dos Pássaros*; *A Casa das Sombras* e *A Casa do Nevoeiro*. Retomando o modelo narrativo dos “Famous five”, de Enid Blyton, os livros encenam as aventuras, num registo policial, de um pequeno grupo de cinco heróis: os irmãos David e Cristina, a prima Mónica, o amigo João e o cão Charlie. Os miúdos desvendam mistérios por vários locais recônditos da ilha da Madeira²⁷. O discurso narrativo assenta numa referencialidade muito próxima do estilo de vida dos adolescentes de finais dos anos 80 e inícios de 90.

Além destes dois autores de grande notoriedade, vale a pena referir dois livros que se destacam pela qualidade da escrita e da conceção gráfica: *Madeira Arca de Tesouros* (2008), com quatro histórias de Fátima Veríssimo (1955) e ilustrações de Elisabete Henriques, Eugénio Santos, Nélia Suzana e Sónia Dória, é um livro para crianças em fase de leitura das primeiras letras sobre as maravilhas naturais da Ilha. Mais adequado a um público juvenil, a iniciativa editorial *No Funchal, o Maquinista* (2009), de António Fournier (1966), projecta singulares paisagens da Madeira que um curioso comboio de outros tempos atravessa, convocando para essa viagem o escritor Ernesto Leal e imagens da Itália, país onde vivem o autor e o ilustrador. O imaginário e a sensibilidade peculiares de Fournier são traduzidas pelas impressionantes ilustrações de Marco Avoletta.

Com esta abordagem, ensaiámos uma perspetivação histórica, visando o estabelecimento de títulos e de datas, bem como a identificação dos autores e das casas editoras.

O trabalho apresentado mostra dois momentos distintos na História da literatura infanto-juvenil com origem ou enfoque na Ilha da Madeira, a par da tendência que se podia observar em Portugal continental. A primeira fase caracteriza-se por uma literatura de intenção edificante que participa da instrução moral dos jovens leitores. Ao longo do séc. XX, verifica-se uma evolução para uma literatura de conteúdo educacional que visa a sua formação cultural e intelectual.

27 A série segue o seguinte esquema narrativo, como nota Rui Magalhães: “num primeiro nível, a prima Mónica vai do continente para a Madeira passar férias; num segundo nível, ela, os primos e a tia, deslocam-se do Funchal para algum lugar mais ou menos isolado da ilha, para uma casa antiga e normalmente fantasmagórica, lugar onde ocorre a aventura.” V. Nota 71, em *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*, de Rui Magalhães, Braga, Editora Angelus Novus, 1999, p. 110, Série “Negra”.

Nestas últimas décadas, tem-se efectivamente registado uma maior consciencialização da importância dessa área da Literatura, não só por motivações de cariz educativo, mas também por uma questão de cidadania, pois é inegável o facto de serem trabalhadas, por meio de livros, diversas questões importantes para a constituição de um futuro cidadão. Os autores “educam” ou sensibilizam, assim, os seus jovens leitores para valores e temas dominantes do nosso Tempo, bem como para os seus projetos de escrita, ou seja, para o modo próprio que cada um deles tem de dar a interpretar o mundo.



Referências Bibliográficas

- Bastos, Glória (1997). *A Escrita para Crianças em Portugal no Século XIX*. Editorial Caminho: Lisboa.
- Bernardes, Lília (2008). "Breve Viagem pelo Teatro na Madeira" em *A Madeira na História: Escritos sobre a Pré-Autonomia*, 49-82.
- Brasão, Maria Lígia Lopes (1994). *Brinquedos Tradicionais Cantados. Lengalengas e Trava-línguas*, Lisboa: Editorial O Livro.
- Coelho, Leonor Martins (2010). "Maria Aurora e os livros para a infância" em *Leituras e Afecta: Homenagem a Maria Aurora Carvalho Homem*. V.N. de Gaia: Exodus, 149-157.
- Correia, João David Pinto (Julho 1993). "Os géneros da literatura oral tradicional: contributo para a sua classificação" em *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 9, 63-69.
- Correia, João David Pinto (Setembro 1999). "A literatura oral tradicional e o seu público infantil" em *Anais – Revista de Letras*, vol. 9, 1, 57-72.
- Correia, João David Pinto (1978). *Literatura Juvenil / Paraliteratura*. Lisboa: Livraria Novidades Pedagógicas.
- Cortez, Maria Teresa (2001). "Os Contos Morais na Literatura Portuguesa para a infância (1774-1877)" em *Estudos de Tradução em Portugal – Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 167-180.
- Freitas, Paula (1994). *O Falar de S. Vicente*. Madeira: Câmara Municipal de São Vicente.
- Gomes, Alice (1974). *Poesia para a Infância: Antologia*. Com ilustrações de Costa Pinheiro. Lisboa: Ulisseia.
- Gonçalves, Ernesto (1992). *Portugal e a Ilha – Colectânea de Estudos Históricos e Literários*. Com prefácio, selecção e notas de Alberto Vieira. Funchal: SRTC/CEHA.
- Magalhães, Rui (1999). *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*. Braga: Editora Angelus Novus.
- Pestana, Eduardo Antonino (1965). *Ilha da Madeira I: Folclore Madeirense*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Pinho, Jorge Almeida e (2003). "A Literatura Infantil de Carácter Didáctico" em *Génesis*, Revista Científica do ISAI, 3, 71-92.
- Porto da Cruz, Visconde do (Alfredo de Freitas Branco) (1953). *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira – 3.º período: 1910-1952*, vol. III, Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Santos, Thierry Proença dos (2009). "Irene Lucília, ilustradora de textos e de livros" em *Margem 2* (coord. Leonor Martins Coelho), 26, 145-157.
- Sarsfield, Alexandre (s.d.). *Leitura para os Meus Filhos*. Porto: Casa Editora Alcino Aranha & C.ª.
- Silva, António Ribeiro Marques da (Jul.-Dez. 1996). "Literatura Infantil na Madeira: Em Casa da Avó de Maria Francisca Teresa" em *Isleña*, 19, 108-109.
- Silva, Maria Margarida Macedo (2001). *Literatura Infante-Juvenil*. Funchal: edição do autor (Col. "Educação Permanente – 6").
- Silva, Maria Margarida Macedo (1999). *A Sementeira do Livro*. Funchal: edição do autor (Col. "Educação Permanente – 5").
- Silva, Mariana Xavier da (1884). *Madeira – Oferendas*. Lisboa.
- Sousa, Ana Isabel (2001). *Maria Mendonça, Uma Mulher sem Medo*. Açores: Câmara Municipal do Nordeste.

